

# Narradores de Javé<sup>1</sup> - vidas vividas e vidas contadas: narrativas, memórias e histórias

Paulo Sérgio Moreira da Silva  
Historiador. Mestre e Doutorando em História pela  
Universidade Federal de Uberlândia (UFU).  
e-mail: psmsilva@terra.com.br

---

**Resumo:** O artigo é uma leitura do filme *Narradores de Javé* e procura abordar as vidas vividas e as vidas contadas dos moradores do vilarejo de Javé, que estão prestes a serem inundados pela construção de uma barragem. A partir dessa possibilidade, os vários moradores articulam-se em torno do salvamento de suas terras, suas memórias, seus sentimentos, suas histórias. Ao longo do filme, é possível notar o embate entre as múltiplas memórias construídas ou inventadas, entre o que é história e verdade e o poder das narrativas como artimanhas utilizadas pelos moradores com o propósito de resistir às transformações do tempo.

**Palavras-chave:** 1. Memórias. 2. histórias. 3. narrativas

---

*O narrador está presente ao lado do ouvinte. Suas mãos, experimentadas no trabalho, fazem gestos que sustentam a história, que dão asas aos fatos principiados pela sua voz. Tira segredos e lições que estavam dentro das coisas, faz uma sopa deliciosa das pedras do chão, como no conto da Carochinha. A arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana.*

Ecléa Bosi

*“Se Javé tem algum valor, são as história das origens dos guerreiros do começo, que vocês vivem contando e recontando. Isso, minha gente, é patrimônio; isso, minha gente, é história grande”:* assim Zaqueu, morador do Vale de Javé, tentava argumentar com os outros moradores do vilarejo sobre a possibilidade de aquela região não ser inundada por uma barragem em construção.

Certamente o ambiente não poderia ser outro, pois, naquele momento de total agonia e ansiedade sobre o futuro dos moradores, quase não era possível ouvir as explicações e os posicionamentos dos representantes dos moradores do Vale de Javé (Zaqueu e Vado), tendo em vista que todos falavam ao mesmo tempo, tentando argumentar e defender que isso não poderia acontecer e que estariam dispostos a fazer o possível e o impossível para defender as suas vidas vividas e as suas vidas contadas.

---

<sup>1</sup> Este filme, lançado em 2005, sob a direção de Eliane Caffé, conta a história de um povoado, que está na iminência de ser inundado pela construção de uma barragem, razão pela qual os moradores se unem para reconstruir, com testemunhos da memória oral, sua história. "Narradores de Javé" foi filmado no povoado de Gameleira, no interior da Bahia.

Somente a possibilidade de extinção do local do povoado, das histórias, das crenças e das múltiplas oralidades é que poderia modificar totalmente o cotidiano e a rotina daquele simples e pacato povoado, uma vez que era muito grande o medo de perderem os locais de suas referências, identidades e raízes.

## 1. Enraizamento cultural e as várias histórias narradas

Sem dúvida, as preocupações por parte dos moradores procediam, já que o enraizamento cultural, religioso e político, que eles vivenciavam como prática do cotidiano e das histórias vividas, não lhes permitia o deslocamento para outros lugares; afinal, não eram eles algo que se colocasse em uma embalagem e se transportasse. Tratava-se de sentimentos, memórias e sensibilidades, tudo vivido naquele ambiente e compartilhado com os outros moradores.

Preocupada com o tema do enraizamento, a pensadora judia Simone Weil (1909-1943) afirmava que esta é uma das questões mais vitais e essenciais do ser humano para a sua existência, pois enraizar é criar laços sociais, é enfrentar o mundo compartilhando sentimentos, é fortalecer a vida, a alma e sua existência perante o outro:

O ser humano tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro. Participação natural, isto é, que vem automaticamente do lugar, do nascimento, da profissão, do ambiente. Cada ser humano precisa ter múltiplas raízes. Precisa receber quase que a totalidade de sua vida moral, intelectual, espiritual, por intermédio dos meios de que faz parte naturalmente (WEIL, 1996, p. 411-412).

Portanto, não se tratava de um problema de fácil solução, já que aquelas pessoas não estavam dispostas a abrir mão de todas as vidas compartilhadas em função de um progresso, que mal saberiam se iria lhes trazer benefícios em suas práticas cotidianas.

A nova realidade que se apontava naquele momento certamente os incomodava bastante, porque, pelo próprio projeto da construção da barragem, não ficaria nada, nenhuma pedra sobre pedra. Tudo seria perdido, completamente fragmentado e totalmente desenraizado.

A consequência dessa medida não poderia ser diferente, pois conforme chamou a atenção Simone Weil, a perda de raízes ou

o desenraizamento é, evidentemente, a mais perigosa doença das sociedades humanas, porque se multiplica a si própria. Seres realmente desenraizados só têm dois comportamentos possíveis – ou caem numa inércia de alma quase equivalente à morte, como a maioria dos escravos no tempo do Império Romano, ou se lançam, numa atividade que se tende sempre a desenraizar, muitas vezes por métodos violentíssimos, os que ainda não estejam desenraizados ou que o estejam só em parte (WEIL, 1996, p. 415).

É claro que a decisão de aceitar ou não essa nova realidade (construção da barragem) não estava em discussão, visto que por hora essa decisão já havia sido tomada em instâncias governamentais superiores. O que os moradores poderiam fazer seria resistir e encontrar formas de impedir o estrago anunciado em suas vidas, pois uma certeza estava anunciada: a de que, após a passagem das obras da barragem pelo vilarejo, a vida deles jamais voltaria a ser a mesma.

Sendo assim, a única saída possível era tentar mostrar aos responsáveis da construção da hidrelétrica que aquele vilarejo, apesar de estar fincado no meio do sertão e

isolado do restante do mundo, tinha importância cultural e histórica, não somente para os próprios moradores locais, como também para o país, uma vez que a realidade praticada e vivida pelos moradores traduzia as muitas características de várias outras regiões deste imenso Brasil. Era a luta pela manutenção das características indenitárias daquele povoado.

Nesse clima de total desespero, ante o fato ocorrido, Zaqueu consegue ter uma boa ideia – “*acendeu uma esperançazinha: só não inunda, se for patrimônio*” –, que provavelmente poderia resolver o problema dos moradores do Vale de Javé. Tratava-se da produção de um livro que pudesse contar e recontar as histórias daquela região e de seus moradores e, como eles mesmos já sabiam, histórias para poderem contar não havia de faltar.

Contudo, apesar do problema da falta de domínio da escrita<sup>2</sup> por parte dos moradores, essa proposta de Zaqueu tinha a total possibilidade de ser realizada, pois o que não faltava naquele local eram as várias histórias de seus moradores<sup>3</sup>, apesar de estarem pulverizadas nas inúmeras memórias dos múltiplos atores sociais daquele vilarejo.

Importante lembrar que contar essas histórias cotidianamente fazia parte de estratégias desenvolvidas pelos habitantes locais, como forma de não caírem no esquecimento, uma vez que essa prática permitia alimentar e fortalecer a vida de cada um deles, de modo a não perderem o sentido, a memória de suas vidas. Por isso concordamos com Câmara Cascudo, quando ele afirma que é por intermédio da prática de contação de histórias que ocorre a aprendizagem, “pois o indivíduo revela informação histórica, etnográfica, sociológica, jurídica, social. É um documento vivo, denunciando costumes, ideias, mentalidades, decisões e julgamentos. Para todos nós é o primeiro leite intelectual” (CÂMARA CASCU DO, 1984, p. 16).

Na perspectiva de registrar suas histórias, esse não seria um grande impasse para eles, uma vez que estavam dispostos a tudo para não perderem o seu local de sobrevivência. Bastava encontrar formas de poderem acionar essas memórias vividas, compartilhadas e contadas, uma vez que o “livro da salvação” não poderia deixar de ser produzido.

Mas não podemos esquecer que buscar o passado é sempre conflituoso, pois este irá trazer todo tipo de lembrança, para as mais diversas memórias. Portanto, o grande desafio de Antônio Biá é o de trabalhar com a memória dos moradores, uma vez que, por estar no campo da sensibilidade, tal memória poderá ser inventada e projetada conforme o interesse de quem está narrando; como alertou Beatriz Sarlo, “o retorno do passado nem sempre é um momento libertador da lembrança, mas um advento, uma captura do presente” (SARLO, 2007, p. 9).

Por isso, há divergências entre as histórias sobre a origem de Javé, visto que “a memória do homem não é uma soma; é uma desordem de possibilidades indefinidas”

<sup>2</sup> Importante lembrar que, por ser uma região totalmente carente e abandonada de projetos sociais, o Vale do Javé reproduzia uma realidade comum em várias outras regiões do País – o analfabetismo. Por esse motivo, a única pessoa adulta e alfabetizada que poderia assumir a tarefa de escrever a “grande” História do vilarejo era o morador Antônio Biá.

Ironicamente, Biá, como era conhecido por todos, havia sido expulso do vilarejo pelos moradores, tendo em vista que ele, quando trabalhava na agência dos correios do Vale de Javé, resolveu escrever cartas em nomes dos domiciliados em Javé, com a finalidade de aumentar o movimento de sua agência. Para isso ele difamou, inventou, criou histórias de todos os habitantes daquele vilarejo, conseguindo assim retornar o movimento de sua agência dos correios e preservar o seu emprego.

Importante salientar que essa prática realizada por Antônio Biá – escrever e circular as cartas entre os moradores – teve como inspiração a história real de Pedro Cordeiro Braga, trabalhador da agência dos correios da cidade de Vau, povoado de Diamantina, Minas Gerais. Esta e outras histórias foram registradas no livro *O Artesão da Memória no Vale da Jequitinhonha*, da pesquisadora Vera Lúcia Felício Pereira.

<sup>3</sup> Ressalto que estrategicamente, para não esquecerem as suas histórias de vidas, os moradores do Vale de Javé utilizavam a oralidade cotidianamente para expressarem as suas vidas. Certamente cada vez que eram contadas as histórias desse povoado, estas eram interpretadas e compreendidas de forma diferente. Basta observar, no filme, quando Antônio Biá tenta buscar a origem do Vale de Javé – o herói aparece, conforme quem conta. Na versão relatada por uma mulher do povoado, a grande heroína entre os fundadores de Javé é Maria Dina; na voz de um morador negro, o herói principal é negro e chama-se Indaléu.

(BORGES, 1998, p. 449), capaz de sofrer influências e de manipular resultados. Essa característica, por sua vez, é perceptível na própria busca pela origem do povoado, porque os personagens<sup>4</sup> Indalécio, Maria Dina e Indalêo surgem e atuam conforme o desejo e o interesse de cada narrador das histórias.

Assim, é possível perceber que as divergências de múltiplas histórias simbolizam um campo de tensões e disputas vividas entre os moradores, em virtude de que não era simplesmente a construção da barragem o que estava em jogo, mas uma disputa de espaço, sentimentos, memórias compartilhadas por todos aqueles moradores do Vale de Javé. A própria sensação da perda do passado e da falta de perspectiva de futuro permite aos moradores tentarem contar e narrar as suas histórias, conforme desejam.

Sendo assim, considerando as narrativas como práticas sociais, vividas e compartilhadas, carregadas de vivências, experiências e simbolismos cotidianos, é possível compreender os valores e os significados construídos entre as falas narradas e os fatos ocorridos, pois cada narração abordará um determinado tempo, um espaço específico e a experiência de vida do contador.

Na explicação de Khoury, as narrativas são expressões da consciência de cada um sobre a realidade vivida:

Ao narrar, as pessoas estão sempre fazendo referências ao passado e projetando imagens, numa relação imbricada com a consciência de si mesmos, ou daquilo que elas próprias aspiram ser na realidade social. Associando e organizando os fatos no espaço e no tempo, dentro dos padrões de sua própria cultura e historicidade, cada pessoa vai dando sentido à experiência vivida e a si mesma nela (KHOURY, 2004, p. 131).

Sabedores dessa produção para a realidade social, os moradores de Javé conseguem descortinar as suas memórias carregadas de sentidos e possibilidades, em consequência do fato de que o fio condutor que irá conduzir a possível compreensão de seus passados e de suas histórias certamente está centrado na memória, provavelmente a única possibilidade de evitar o apagamento de todas as identidades, das várias histórias narradas, das crenças, dos desejos e da própria vida por eles praticadas.

Portanto, entrelaçar o jogo entre as várias narratividades e as histórias vivenciadas dos moradores é uma forma também de afirmar posicionamentos políticos, de escolhas perante a vida, de estarem organizados para fazerem frente a toda a tentativa de homogeneização e manipulação de seus cotidianos e de suas práticas culturais.

## 2. Memórias, identidades e narrativas - o presente e o passado no Vale de Javé

Heródoto, considerado o pai da história, no seu livro *História*, faz a seguinte narração sobre os gregos, que nos leva à reflexão sobre o poder da memória, da narração e dos sentimentos adormecidos:

Quando o rei egípcio Psamênito foi vencido e caiu prisioneiro do rei dos persas, Câmbises, este resolveu humilhá-lo. Ordenou que colocassem Psamênito na rua por onde passaria o triunfo persa e fez com que o prisioneiro visse passar a filha em vestes de escrava enquanto se dirigia ao poço com um balde na mão. Enquanto todos os egípcios elevaram prantos e gritos àquela visão, só Psamênito permaneceu mudo e imóvel com os olhos

---

<sup>4</sup> Talvez esse fosse o grande problema de Antônio Biá, o responsável por escrever a história do Vale de Javé. Eram tantas versões sobre a origem do povoado que ficava difícil tentar construir e compreender historicamente esse registro. Em cada momento e em cada personagem do povoado, o fundador era diferente, conforme registramos em nota anterior.

pregados no chão; e quando, pouco depois, viu o filho conduzido à morte no cortejo, permaneceu igualmente impassível. Mas, quando viu passar entre os prisioneiros um dos servos, um homem velho e empobrecido, então golpeou a cabeça com as mãos e mostrou todos os sinais da mais profunda dor (HERÓDOTO, Livro III).

Com essa narrativa histórica, Heródoto nos leva a refletir sobre a posição do rei deposto Psamênito sobre o fato ocorrido: por que reagiu com dor e sentimento quando viu o servo? Qual era a sua relação com aquele servo? Que elo existe entre esses dois personagens narrados? Até que ponto o servo está presente na memória de Psamênito? Haverá alguma dívida moral e ética que envolva os dois personagens?

Certamente, não é possível adivinhar o pensamento do rei Psamênito, naquele momento, mas podemos afirmar que aquela cena que conseguiu emocionar e desmontar o rei está vinculada a algum tipo de lembrança que os entrelaçava.

É evidente que era algo marcante em sua vida, pois nem mesmo as situações de sua filha e de seu filho conseguiriam gerar em Psamênito tanta emoção e reação tão inesperada. Provavelmente, por ser um dos servos idosos, este tenha acompanhado cotidianamente as ações do rei, ou talvez até mesmo tenha sido um discreto conselheiro de sua majestade, nos mais diversos acontecimentos cotidianos daquele reino.

Mas, apesar desse cenário trágico e sem muita possibilidade de reversão da situação para o rei Psamênito, o que nos interessa diretamente no fragmento de Heródoto é a aproximação que existe entre a narração dos fatos e o papel desempenhado pela memória, características essas que se aproximam do filme *Narradores de Javé*, um povoado ameaçado de extinção e que utiliza os mesmos métodos e possibilidades para conseguir registrar suas histórias.

Para que o feito de escrever essa “grande história” ocorra, os moradores do povoado de Javé recorrem, com dissemos anteriormente, a um dos habitantes mais polêmicos, Antônio Biá, que, por ser alfabetizado, era o único naquele povoado capaz de colocar no papel as histórias contadas pelos residentes de Javé. Um verdadeiro Homero do sertão, capaz de ouvir, coletar, observar, interpretar e escrever as histórias daquele povoado.

Certamente, para produzir a odisseia do Vale do Javé, Antônio Biá deveria desempenhar o papel de um “historiador”, pois, pela própria recomendação de Zaqueu: *“Científico é... ó, é assim, como assim... é... é que não pode ser as patacoadas mentirosas ocês inventam! Essas patranha duvidosa que ocês gostam de dizer e contar!”*. Uma história de cunho científico, sem invenções e com comprovações do ocorrido.

Portanto, Antônio Biá estava com um grande desafio pela frente: como ele mesmo sabia, não havia documentos escritos que pudessem facilitar a sua vida e a composição do futuro livro.

Sendo assim, para conseguir atingir os seus objetivos e salvar o povoado de uma possível inundação, Antônio Biá começaria a registrar a possível “história” sobre aquele local, ouvindo os relatos dos moradores mais antigos da cidade. É claro que não era uma situação fácil para ele, tendo em vista que, em cada casa que ele visitava para coletar as informações necessárias, ele ouvia versões invariavelmente conflitantes, floreadas e tendenciosas, conforme movimentavam os *vastos palácios da memória*<sup>5</sup> de quem relatava.

O grande embate entre o ocorrido e o inventado, já era perceptível na primeira “fonte” de seu escrito, pois, ao ouvir o morador Vicentino Indalécio da Rocha, Antônio

<sup>5</sup> Em seu livro, *As Confissões*, Santo Agostinho refletiu sobre o arcabouço da memória. “Mas eis-me diante dos campos, dos vastos palácios da memória, onde estão os tesouros de inúmeras imagens trazidas por percepções de toda espécie. Lá estão guardados todos os nossos pensamentos, quer aumentando, quer diminuindo, quer modificando de qualquer modo as aquisições de nossos sentidos, e tudo que aí depositamos ou reservamos, se ainda não foi sepultado ou absorvido pelo esquecimento.”. Para nosso estudo, servimo-nos da seguinte edição: *Santo Agostinho, Confissões, Coleção Patrística 10, São Paulo, Paulus, 1997, 450 p.*

Biá discorda da simplicidade da história relatada pelo nobre relator, alegando que era necessário contar com mais emoção, valorizando os feitos mais importantes.

Essa escolha pela narratividade como forma de registrar a história não foi por acaso, já que o próprio Antônio Biá, conhecedor de todos os moradores e dos lugares, já sabia que contar histórias era a especialidade de muitos moradores. Bastava naquele momento ele ouvir, anotar e cruzar as falas para evitar tantas divergências entre as muitas histórias. Era a busca das lembranças javélicas, como o próprio Antônio Biá as chamava.

A prática e a habilidade de contar histórias, há séculos transmitidas oralmente, carregam uma função social, pois, além de permitir uma maior elasticidade da memória, elas resgatam a tradição oral e ao mesmo tempo estimulam a imaginação do ouvinte. Nessa perspectiva, comungamos com a mesma proposta de Kika Freyre, quando ela afirma que “o contador de histórias é aquele que carrega o encontro das histórias em pó na sua memória e o polvilha com a voz para temperar emoções em quem abre os ouvidos do coração para escutar”<sup>6</sup>.

Portanto, se contar histórias é estimular a memória, Antônio Biá sente na própria pele o grande embate entre as várias memórias espalhadas pela cidade, pois cada morador desejava fazer prevalecer a sua versão para a origem do povoado, ou até mesmo de reafirmar o parentesco com os primeiros moradores. Um embate entre a memória individual e coletiva.

Essa prática entre estes moradores deveria ser compreendida como uma forma de exercer domínio sobre o outro, visto que delimitar espaços é também uma estratégia de sobrevivência, além de fazer perpetuar a sua verdade particular sobre os fatos ocorridos.

Consequentemente, não poderia ser diferente, porque, ao tentar buscar a origem do povoado de Javé, Antônio Biá acabava ressuscitando as várias memórias individuais e coletivas daqueles moradores. Uma imensa miscelânea de acontecimentos inventados, distorcidos e carregados de mitos.

Acreditamos, por conseguinte, que o embate entre as memórias é uma forma de caracterizar e estabelecer a identidade do sujeito em relação ao outro, é afirmar perante o mundo a sua passagem e os seus feitos, é o viver e o estabelecer limites, é reviver o ocorrido. Como afirmou Ricoeur: “a memória é o presente do passado, o que é dito do tempo e de sua relação com a interioridade pode facilmente ser estendido à memória” (RICOEUR, 2007, p. 107).

Importante ressaltar que as memórias que afloraram ao longo do embate de ideias estão carregadas de personalidade, experiências e histórias de vida de seus cotidianos, ficando difícil buscar a neutralidade dos acontecimentos. Por isso, seria necessário compreender e valorizar todos os detalhes que compõem esse momento. Como afirmou o próprio Paul Ricoeur: “ao se lembrar de algo, alguém se lembra de si” (RICOEUR, 2007, p. 107), ou seja, lembra-se somente do que lhe interessa e agrada conforme o momento histórico exige.

Portanto, para conseguir enfrentar o embate de relatos, o ouvinte das memórias alheias deverá ter a noção de que a memória é seletiva e que nem tudo fica registrado, como observou Michel Pollack. Segundo ele, “a memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações, em função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória” (POLLACK, 1992, p. 8).

Certamente, essas peculiaridades da memória seriam, dentre outros, o grande desafio de Antônio Biá, pois estabelecer a linha demarcatória entre o que seria a verdade e o inventado não facilitaria naquele momento. Era preciso, acima de tudo, ouvir os relatos e buscar a neutralidade dos acontecimentos, considerando-se que Antônio Biá

---

<sup>6</sup> Kika Freyre - Contadora de Histórias (Grupo Zumbair de Contadores de Histórias – Recife-PE) e Psicóloga. <http://catirina.zip.net/>

não poderia esquecer e cometer o mesmo erro do passado e que inventar e recontar as histórias dos moradores de Javé seria vital para a sobrevivência das pessoas e do local.

Num sentido mais amplo, entendemos que a realidade que naquele momento acontecia no Vale de Javé era muito comum em outras sociedades que utilizavam a oralidade como forma de preservação de suas histórias, já que o embate entre as memórias seria o fio condutor do conjunto de histórias dessas comunidades. Por tudo isso, fica difícil saber onde começam e onde terminam as histórias “oficiais” e as memórias “inventadas”, tendo em vista que memórias e histórias podem ser consideradas construções, manipulações, formas de demarcar e estabelecer espaços de lutas, formas de sobrevivência.

### 3. História e verdade

Quando o historiador Marc Bloch, ao longo de seus estudos, definiu história como a “ciência dos homens no tempo” (BLOCH, 1986, p. 29), estava o estudioso interessado em demonstrar que não era mais possível compreendê-la com as mesmas perspectivas do passado, segundo as quais o documento escrito “falava” e o historiador copiava. Essa mudança rompeu com os paradigmas e ampliou as fronteiras do produzir história, uma vez que o seu caráter humano e a compreensão da relação de que passado e presente se entretecem ao longo da história passariam a ser aplicados nos próximos caminhos a serem trilhados pela produção historiográfica. Uma grande ruptura, pois novos objetos, novos temas, novos métodos passariam a fazer parte das opções para se produzir e entender a história.

Com o passar do tempo, esses caminhos foram aperfeiçoados e dinamizados por outras áreas do conhecimento, o que garantiu também o fiar de novos campos de pesquisa e o cruzar de novos olhares na produção científica do conhecimento.

Sendo assim, a nova concepção do que é história permitirá entender que o seu objeto de estudo é o homem, com suas ações no tempo e com a compreensão entre presente e passado. Isso se dá por intermédio de uma urdidura que perpassa todos os homens, em todos os tempos, o que significa pensar que, onde existir o homem, a história estará sendo codificada e deixada para a posteridade.

A história deixará, portanto, de ser contada somente por meio dos grandes homens ou dos grandes feitos, pois pensar história no entendimento de Bloch é buscá-la nos pequenos acontecimentos cotidianos, é encontrá-la nas narrativas corriqueiras da vida simples e presente dos homens, é entender que ela é dinâmica e que possibilitará a perpetuação da humanidade na existência do mundo.

Entretanto, se a história é produzida em todos os lugares por todos os homens, isso significa que ela poderá ser compreendida, narrada, analisada e interpretada de diversas possibilidades, conforme o tempo, o espaço e a forma de escrita, pois, dependendo da sua forma de composição, ela poderá representar uma inversão do ocorrido ou até mesmo denunciar as possíveis montagens articuladas na tentativa de transformá-la em oficial.

Por isso a grande questão dentro da historiografia é a seguinte: se a história permite a interpretação e a composição dos fatos, como saberemos se ela reproduz a “verdade” e se não foi modificada conforme interesses de quem a escrevia, ao registrá-la? Afinal, ela poderá ser manipulada e inventada, a todo momento.

Um grande exemplo de todas essas questões que circulam o fazer história está presente no filme *Narradores de Javé*, no qual o possível “historiador” Antônio Biá, contratado para registrar as histórias do vilarejo, denuncia todas essas questões, pois, ao ser questionado sobre qual história ele escreveria no livro, já que para cada um a história certa foi contada de forma e entendimento diferente, Biá responde de modo bastante significativo:

- *As duas histórias têm sentido, não se pode contar uma sem prejuízo da outra. A história é de vocês, mas a escrita é minha.*  
- *Uma coisa é o fato acontecido, outra coisa é o fato escrito. O acontecido tem que ser melhorado na escrita de forma melhor para que o povo creia no acontecido.*

Esses posicionamentos de Biá perante a história a ser produzida do vilarejo é a própria imagem do certo ou do errado na composição histórica. É certo que várias histórias contadas, com olhares e percepções diferentes, acabariam obrigando o próprio escritor dos fatos a escolher a melhor forma de composição da narrativa.

Com todas essas questões, não podemos negar que produzir história não é uma tarefa de fácil articulação, pois certamente o tempo da escrita influenciará no resultado final, cabendo ao pesquisador tentar encontrar os caminhos de aproximação do ocorrido, sem querer encontrar as verdades absolutas das histórias.

### Considerações finais

*Construção da Barragem do Vale de Javé. Programa de Geração de Energia no Estado da Bahia:* assim denunciava a placa sobre o futuro de Javé, pois seus moradores não conseguiram conter a construção da barragem. A própria história do local não conseguiu sair do papel e das memórias dos habitantes, como justificou Antônio Biá – *quanto às histórias, acho melhor ficar na boca do povo, porque no papel não há mão que lhes dê razão.*

Dessa forma o progresso chegou e não esperou, as muitas histórias contadas e narradas continuariam nas muitas memórias dos moradores em outros locais, com outros sujeitos históricos. Por isso acreditamos que Biá representaria o rompimento entre o passado e o futuro: é o que nos mostra as cenas finais do filme, em que ele começa a escrever novamente outra história, demonstrando que esta será escrita e reescrita, contada e recontada por muito tempo, de forma a atender à memória de quem narra. Afinal, como afirma o ditado popular: “*Existem três verdades: a minha, a sua e a que de fato é*”.

### Referências bibliográficas

- AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. 324 p. (Os pensadores).
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 9 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- BORGES, Jorge Luis. *Obras completas*. São Paulo: Globo, 1998, vol. 3.
- BLOCH, Marc. *Introdução à História*. São Paulo: Europa América, 1986.
- CÂMARA CASCUDO, Luis da. *Literatura oral no Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia/ São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1984.
- HERÓDOTO. *História*, livro III (cap. 10 a 15), in, BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 9 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 86.
- KHOURY, Yara Aun. “Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história”, in: FENELON, Déa Ribeiro et al. *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho D’água, 2004.

POLLACK, Michael. Memória e identidade social, in: *Estudos Históricos*, 5 (10). Rio de Janeiro, 1992.

RICOEUR, Paul. Memória pessoal, memória coletiva, in: *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François. Campinas: Ed. Unicamp, 2007.

SARLO, Beatriz. Tempo passado, in: *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad. Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras/ Belo Horizonte: UFMG, 2007.

WEIL, Simone. O enraizamento. in: BOSI, Ecléa (org.) *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. 2 ed. rev. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.